

Tamyres Dysa da Luz Ayres

Flores (Ser)



Copyright © da AUTORA

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Projeto Gráfico,
Editoração e Capa | Leonardo Araújo

Ilustrações | Igor Lins

FICHA CATALOGRÁFICA

Tamyres Dysa da Luz Ayres

Flores (Ser)

Campina Grande - PB
2018

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
AMARÍLES, ORGULHO EM MILITAR!.....	9
TULIPA E A JUSTIÇA “DOS HOMENS”.....	13
PERSEGUIÇÃO DESON(ROSA).....	17
JASMIM, A MODÉSTIA DE RECOMEÇAR!.....	23
DÁLIA, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA!.....	27
HORTÊNCIA E A LIBERDADE DO SABIÁ.....	33
ANÊMOMA E O DESABROCHAR DA DOR.....	37
VIOLETA E O CANTO DA RESISTÊNCIA.....	41
SOBRE A AUTORA.....	47

APRESENTAÇÃO

A história reflete fortemente todas as lutas e conquistas femininas dentro da sociedade. Com o passar dos anos, a tomada de espaço foi ganhando forma e a igualdade de gênero começou a ser enxergada como uma evolução não só para as mulheres, mas também para o mercado. Esse avanço transformou vidas e também retirou muitas delas, fazendo com que através da persistência, inúmeras mulheres morressem e fossem julgadas como criminosas apenas por reivindicar parte da posição que várias delas ocupam hoje.

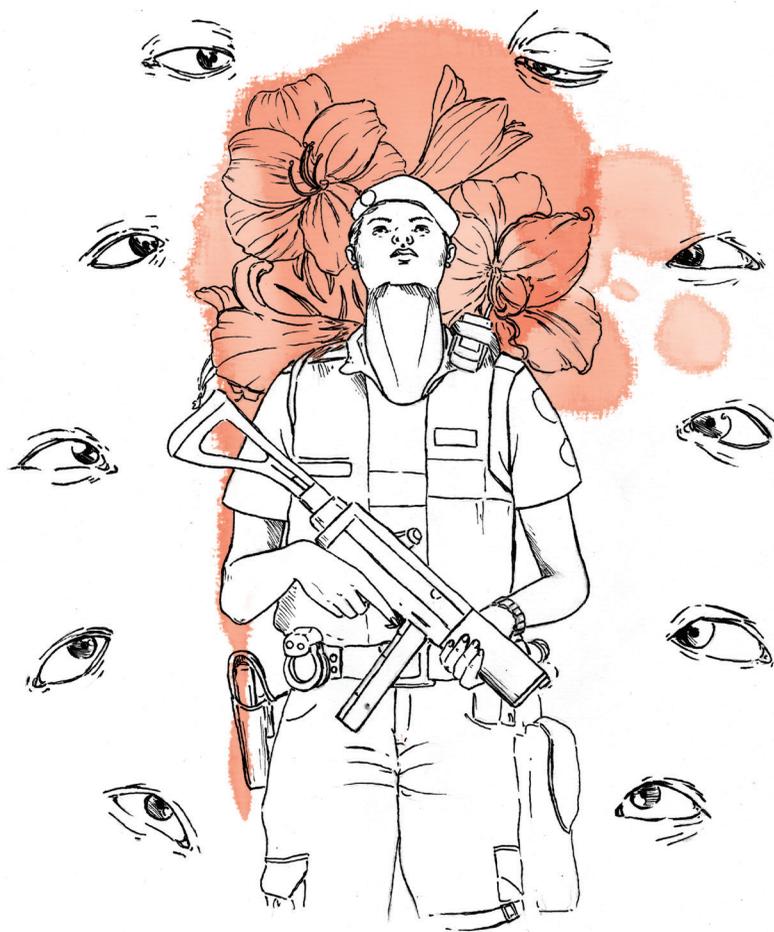
Após viver, conviver e combater o machismo dentro da realidade profissional mais próxima, o debate sobre igualdade de gênero tornou-se uma causa, e para que tal situação fosse visualizada como real, o e-book Flores(ser) foi tomando forma, tornando-se um canal sensível de transmissão dessas histórias, sejam elas do passado ou do presente, mas evidenciando a trajetória de mulheres vítimas dos diversos tipos de violência dentro do mercado de trabalho e trazendo essa narrativa em forma de arte. As flores foram ilustradas de acordo com o perfil de cada personagem, provocando interpretações dos leitores em relação a mensagem transmitida.

Apesar de conter nomes fictícios, todas as entrevistadas assinaram termos de autorização do relato, garantindo a proteção de suas identidades. Nesse trajeto de pesquisa, foram muitas lágrimas, lembranças, sorrisos e até mesmo o retorno de motivação, o que torna ainda mais gratificante a construção do livro. Após a leitura do e-book Flores(ser), a violência de gênero passa a ganhar mais um instrumento de luta e visibilidade, evidenciada como uma dura realidade que ainda é existente não só no cenário doméstico como profissional.

É com enorme prazer que as práticas de comunicação foram utilizadas para colaborar com o combate a essa problemática que tanto assola a vida de

mulheres batalhadoras, diariamente. A experiência e o contato com o olhar de cada personagem veio trazendo não só uma evolução profissional, mas grandemente pessoal. Uma dor nunca será menor que a outra, e todas as pessoas carregam grandes histórias para contar, e através dessa obra torna-se perceptível o quanto é importante contá-las.

AMARÍLES, ORGULHO EM MILITAR!



Era novembro de 1991, em uma cidade interiorana, estava então a jovem Amarílis tentando guardar um segredo de sua família. Um segredo bobo, porém, um trunfo futuro. Naquele momento ela atuava como professora, inclusive, lecionar para ela, sempre foi um prazer, mas uma informação tentadora estava incomodando sua cabeça. Não falava-se em outra coisa, a não ser, à oportunidade de um concurso para a Polícia Militar, e isso era tudo que seus pais não queriam, pois detestavam os militares, e não iriam admitir que sua única filha se engajasse nessa profissão. Na tentativa de não gerar conflitos, Amarílis decidiu se inscrever e fazer tudo às escondidas, e era esse seu bobo segredo. Na década de noventa, dificilmente alguém chegava a

ter um aparelho de telefone móvel, e o acesso à internet também era raro. Foi então que Amarílis passou a receber informações sobre o concurso através das conversas pelas ruas, por bilhetes de amigos, recados por orelhões e jornais.

Magrinha, com 1,58 de altura, mulher do interior e confrontando os familiares, as pessoas da cidade começaram a debochar da tentativa de Amarílis,

afinal de contas, toda mulher que viesse a se tornar uma policial militar, automaticamente receberia o rótulo de prostituta ou de lésbica, então ingressar nessa carreira seria uma escolha sem volta para ela. Vários homens da cidade fizeram a inscrição no mesmo concurso e, como sempre, tinham o maior espaço de vagas, mas tanto na prova teórica, quanto na prova prática, Amarílis obteve um melhor desempenho entre vários concorrentes.

Vibrante e orgulhosa, Amarílis voltou para sua cidade, acreditando que todos estariam com o mesmo sentimento e que, talvez depois de sua aprovação, os olhares de deboche passariam a ser de felicitações, pois todos duvidaram que fosse possível. Engano! Um homem a abordou na rua surpreso com a conquista dela e comentou:

- Nossa! Quer dizer que com toda aquela quantidade de homens que fizeram a prova aqui da cidade, quem passou foi logo você? Mesmo assim magrinha?

Nessa época, ela namorava o pai dos seus filhos, mas se não o namorasse antes, passou a acreditar que não conseguiria se relacionar com mais ninguém, pois dificilmente um homem daquela região aceitaria relacionar-se com uma mulher policial. Logo após sua aprovação, todas as suas amigas mulheres afastaram-se e foi através desses comentários que percebeu que os desafios da sua carreira estariam apenas por começar...

As vestes da polícia nunca tinham o seu tamanho, as roupas, muitas vezes, eram de número 44, quando na verdade, ela vestia 36, os coturnos eram numerados apenas para os homens e os coletes balísticos ficavam abaixo do seu umbigo. Era constrangedor, muito constrangedor! Mas Amarílis foi acostumando-se a tentar se adaptar aos padrões da polícia, inclusive, os banheiros e alojamentos para a mais nova militar eram improvisados, já que o espaço físico também destinava-se apenas aos sargentos do sexo masculino. Ainda sem querer desistir e oferecendo sempre o seu melhor na profissão, esses detalhes provocavam em Amarílis sentimento de indignação, advindo da sua condição de gênero, sentia-se inferior por ser representativamente uma mulher, principalmente pelo porte físico. Sentimento que ela sabia que não deveria ter, mas tinha!

Vinte e sete anos se passaram e Amarílis tornou-se uma mulher muito mais firme do que antes. Experiente no trabalho, independente financeiramente.

Divorciou-se do seu marido que apresentou problemas com alcoolismo e, para não seguir em conflitos, optou pela separação. O que ela não esperava, além da discriminação por ser mulher na polícia, era que também enfrentaria problemas por ser uma mulher divorciada e na polícia, desafios que outras PMs separadas comumente sofrem. Foram várias frases de assédio e discriminação ouvidas no trabalho. Certa vez um comandante olhou para ela e disse:

– Já namorei todo tipo de mulher, mas ainda não namorei uma sargento.

Amarílis nunca quis levar desaforo para casa e repreendeu o seu comandante, mas sentiu-se assustada, pois assédios contra mulheres na PM aconteciam com frequência por parte dos seus superiores e não de seus pares no trabalho e, comumente as punições, só ocorriam quando com funcionárias do sexo feminino casadas com outros policiais, do contrário, a própria equipe policial fazia “vista grossa”. Nessa batalha, ela matava um leão por dia.

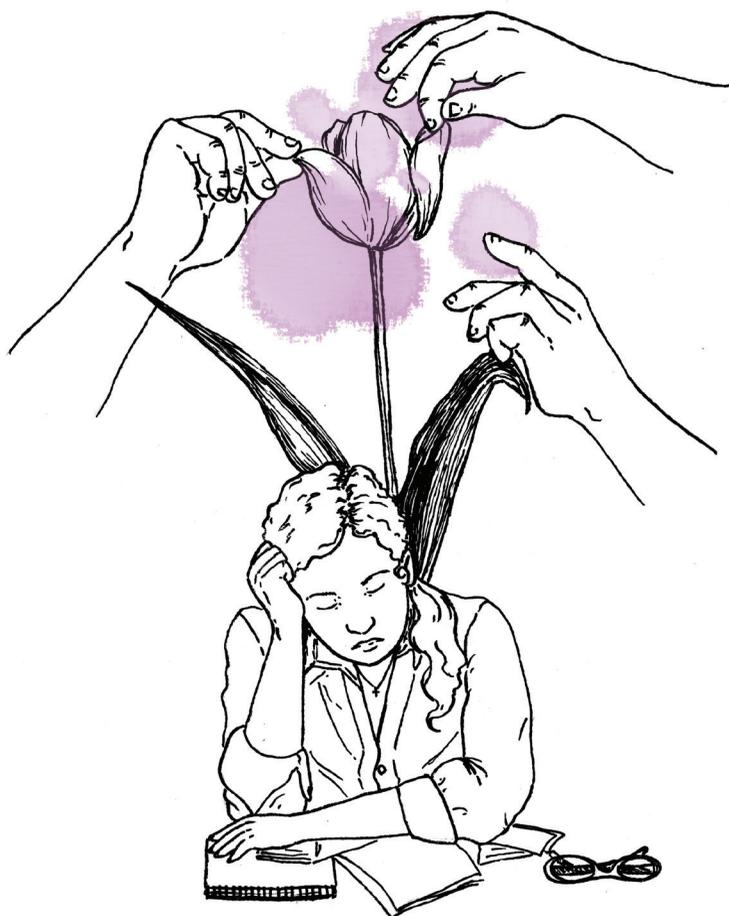
Mesmo com todos esses conflitos, dedicava-se muito ao trabalho e amava tudo que fazia, pois tinha um desempenho invejável na carreira. Visando isso, ela decidiu fazer uma inscrição para uma promoção. Depois de tanto tempo de serviço já estava na hora de ser mais reconhecida, e por ter uma ficha de bom comportamento, boa escolaridade e outros atributos, ela acabou ganhando o nono lugar entre doze vagas por merecimento. Ficou ansiosa e ainda mais satisfeita com todos aqueles anos de serviço bem doados, parecia até que todos os julgamentos tinham um propósito para o futuro. Ansiosa ela correu para conferir a lista de contemplação, mas para sua surpresa, o seu nome não estava lá. Sim! O nome de Amarílis não estava, porém o nome do décimo quarto sim, o décimo oitavo também e o décimo quinto também estavam, nomes abaixo de sua colocação que, surpreendentemente preencheram as doze vagas, mesmo com pontuações menores. Indignada, ela ligou para o seu coronel no dia seguinte e falou sobre sua insatisfação, já que o mesmo teria feito um questionário excelente sobre sua boa conduta. O coronel explicou que haviam outros critérios na seleção, mas não confessou quais critérios seriam esses para que ela tivesse perdido sua grande chance, todavia, de forma indireta, pelo diálogo com o coronel e por sua experiência, descobriu que as promoções são dadas na verdade por indicações, e na grande maioria das vezes, são sugestões políticas que definem os promovidos.

Amarílis já havia enfrentado a família, perdido suas amizades, apontada pela sociedade por suas escolhas, deixado sua própria casa para se separar, não se entregou a nenhum ato de corrupção policial nesse momento, passa um filme em sua cabeça, um filme sobre sua vida e carreira que não conseguia sair da sua mente. Muitos anos de dedicação insultados pela injustiça, uma carreira jogada no lixo pelo machismo dos seus superiores e pela desonestidade das pessoas à sua volta. A violência psicológica que ela tanto não se rendia, naquele momento, acabou por rendê-la. Amarílis adoeceu, não queria mais ir trabalhar, chorava por qualquer motivo, sozinha e/ou na frente das pessoas. Aquela sensação durante todos esses anos representou o momento em que ela mais se sentiu desmotivada.

Ela lembrou então que, na infância, assistiu uma cena de violência do seu pai contra sua mãe, lembrou que já atendeu muitas mulheres desmotivadas por violência doméstica, lembrou também que nunca desistiu de nada por acreditar que tanto sua mãe, quanto todas essas mulheres vítimas que chegou a ajudar, precisavam de mais amor próprio, mais motivação para erguer à cabeça e seguir em frente e a partir desse momento, apegou-se com o vigor no passado para voltar a antiga rotina, ainda que ao lembrar desse episódio o seu olhar se desvia ao nada e sua voz trava como se tudo estivesse acontecendo novamente.

“Somos nós que temos que fazer a diferença, somos nós mesmas. Temos que brigar diante do preconceito, mostrar atitude e não baixar a cabeça. Tem situação que serve para crescer e não podemos baixar a autoestima. O preconceito é a falta de conhecimento... eu mudaria o tratamento humano da PM, pois te tratam sempre como mais um. Eles não se preocupam com o seu psicológico nem muito menos com a sua saúde. É preciso ver o lado social”.
AMARÍLIS

TULIPA E A JUSTIÇA “DOS HOMENS”



Um pequeno lugar, onde cada passo é perceptível ao outro, onde estreita-se a separação entre a casa e o trabalho, uma mulher que ama incansavelmente suas conquistas, acaba enfraquecida pela própria vida. E quem é ela? Chama-se: Tulipa!

O ano era 2011 e Tulipa estava ciente de que sempre é tempo de surpreender-se com pessoas à sua volta. Ainda que madura, mãe de família e com 44 anos de idade, recomeçar nunca será uma palavra envelhecida para ela. Durante toda sua vivência, Tulipa não tinha casa própria, mas já havia morado em várias de aluguel por uma cidade do Brejo paraibano, assim como trabalhou em alguns lugares também. Fazia de um tudo para viver, junto ao seu amado parceiro, que depois de uma história

de amor tão intensa, teve com ela duas filhas e traiu-a 20 anos depois. Bem, talvez as traições já existissem desde cedo, mas ela nunca teve provas para julgá-lo e o amor para uma Tulipa é praticamente seu significado, então tinha acabado? Na verdade, a confiança que foi colocada de lado, era um momento onde não só o seu desejo estava inexistente, mas o seu lado profissional viria a ser completamente afetado.

O homem por quem Tulipa se apaixonou, batalhou junto a ela em tudo na vida. Engravidaram ainda adolescentes, enfrentaram familiares para casar-se e decidiram montar uma barraca de cachorro quente para sobreviver. Ele era politicamente militante e por sua posição pessoal, em formato de perseguição, mandaram prender sua barraca em 1994, justamente quando Tulipa estava com sua filha de colo, e ainda assim, sentou-se na barraca para que não levassem seu meio de vida, encarando as autoridades de frente, sob protesto. Infelizmente, sua barraca foi presa em uma delegacia, impossibilitada para uso novamente. seis pétalas têm uma Tulipa, e seis empregos em toda à vida teve ela. A cada emprego perdido, uma história a mais para contar.

Sempre em dupla, mas sem medo de andar sozinha, e talvez por ironia do destino, precisou só de suas próprias pernas. As traições de seu companheiro tornavam-se mais intensas, principalmente após o crescimento de suas filhas. Ela notava que não tinha mais o apoio dele em nada que fazia. Para piorar, encontrava-se desempregada mais uma vez, e a diferença naquele momento era que o seu companheiro havia se tornado um estranho dentro da mesma casa. Os seus cinco irmãos não queriam “meter a colher” na briga de marido e mulher, e o seu pai, homem ranzinza e machista, afirmava que uma filha desquitada seria uma desonra para a família.

Sem apoio, Tulipa queria novamente ter o seu próprio dinheiro, para avaliar seu futuro e não ter que pedir ajuda familiar. Foi então que ela topou enfrentar a eleição de conselheira tutelar, ainda que fosse um desafio maior, pois exigiria dela um esforço grande para conseguir uma das vagas. Ela foi às ruas pedir o apoio das pessoas. Nesse meio tempo, notava que, apesar do seu marido ter afirmado que iria ajuda-la, o empenho dele não era o mesmo de antes, pois as discussões entre os dois estavam desgastando ainda mais a relação.

Para conquistar votos, ela visitou casa por casa em uma cidade com mais de vinte e seis mil habitantes e não parava um só dia. Sem tempo para si mesma, nessa caminhada, enfrentou sol a sol, adquirindo manchas na pele, cabelos ressecados, lábios estourados e dores físicas que tomavam conta do seu corpo. O pior de tudo nesse trajeto é que o mesmo foi feito literalmente com os pés no chão, pois ela e seu marido tinham um carro, mas ele usava o veículo sozinho e inúmeras vezes chegou a passar por ela na rua sem oferecer carona. O que mais afetou seu ego foi perceber que o banco do passageiro estava sempre ocupado pela sua suposta amante, situação ainda mais torturante. Foi então que ela

respirou fundo e decidiu aguardar a reserva do seu destino, principalmente do futuro emocional e financeiro.

O dia da eleição chegou, Tulipa estava exausta, mas acreditava que tudo acabaria ali, após os resultados do seu esforço. Todas as urnas foram abertas e Tulipa conseguiu o quarto lugar. A comemoração foi imensa, mas preocupante, pois o irmão do seu esposo também conseguiu eleger-se para a terceira vaga e mais uma vez ela, a Tulipa, corria o risco de perder seu único emprego. Segundo a lei, é proibido parentesco na formação da equipe de um mesmo conselho. Sabendo dessa cláusula, o então suplente entrou com uma ação na justiça, solicitando que ela fosse retirada do cargo pela lei. Ele não queria retirar o quinto colocado, não queria que houvesse competições de título como critério, pois assim a causa seria ganha para Tulipa. A escolhida para perder o emprego era apenas ela! Com medo de jogar fora todo o seu esforço por água abaixo, Tulipa ainda tentou conversar com seu suplente, relatando tudo que estava vivendo, detalhes que a população da cidade inteira tinha conhecimento, mas ele manteve a posição de querer o espaço dela através de um processo recém-aberto.

Enquanto nenhuma decisão era tomada pela justiça local, apenas pelos rumores, ansiedade e cochichos dentro do trabalho onde mostravam que todos os seus companheiros sabiam que poderia ser o seu último dia de serviço, toda sua angústia retornava. Ela perguntava se alguém tinha novidades do caso dela, mas todos desconversavam para não se envolver e, Tulipa, sentia-se apenas, uma mulher invisível.

A cada banho tomado, seus cabelos caíam, e ela perdeu as contas do quanto chorou embaixo do chuveiro. Aquela jornada era sua única alternativa de independência, o esforço emocional foi enorme e lhe rendeu uma péssima aparência, pois fisicamente parecia ter envelhecido 10 anos à frente. Ao chegar em casa, procurava o esposo que nunca estava lá. Ela não confiava mais nele, sentia-se impotente, com a autoestima baixa e com medo em dividir sua angústia, pois percebia que para ele, seria indiferente se ela conseguisse ou não permanecer no serviço. Quando pensava em buscar o apoio do ex-marido, lembrava-se do episódio antigo da vida do casal. Foi quando se doou em uma das campanhas que em que ele tentou competir há anos, para tornar-se vereador da cidade e não conseguiu. Nessa época, a aparência dela estava idêntica ao momento agora vivido, desgastada. E apesar do empenho ter sido doado para os objetivos dele, o mesmo a chamou no espelho sorridente e lhe disse: - Veja só,

aqui temos o belo e a fera! Ele estava envaidecido pela popularidade que tinha, e ela, desdobrando-se nos bastidores para tentar vê-lo alcançar o sucesso.

Ao fazer essa retrospectiva, Tulipa entendeu que, inúmeras vezes, teve seu psicológico maltratado, que mais uma vez realizou um esforço perdido, mas o pior de tudo, foi que o esforço naquele momento era por ela e a conquista foi inteiramente dela, todavia a democracia, ainda assim, estava prestes a ser ferida. Acordar cedo para ir trabalhar tornou-se uma tortura, e todos os dias parecia o último, e todas as horas pareciam ser o último expediente.

O suplente de Tulipa tinha dois empregos, sabia o quanto ela necessitava trabalhar, também sabia dos problemas de saúde adquiridos pelos problemas emocionais, porque toda a cidade comentava sua decadência e, contudo, ele não a escutou. Naquele momento, o emprego era a única coisa conquistada por Tulipa que poderia levá-la a ser independente e, contudo, foi surpreendida mais uma vez por uma notícia que a fez derramar lágrimas, aguçar a ira e, ao mesmo tempo, sentir-se impotente.

Tulipa recebeu uma carta da justiça que comunicava seu afastamento obrigatório do cargo, na data de 08 de março, Dia Internacional da Mulher. Essa data tornou-se uma das mais inesquecíveis em sua vida. Para ela, a sensação é que na história, nada mudou!

“Acredito que nem sempre as pessoas agem por aquilo que consideram justo, mas pelo poder que possuem. Eu só tinha uma companheira mulher dentro do trabalho, a única que me apoiou, mesmo possuindo posicionamentos diferentes dos meus. Já homens, eu tive muitos para ferir o meu trabalho, e todos eles eram influentes. Até hoje, nunca fui ouvida de fato pela justiça, e me sinto completamente prejudicada por isso...recomecei, me separei, estou trabalhando novamente como professora, mas não esqueci esse episódio, pois fui eleita democraticamente. ” TULIPA

PERSEGUIÇÃO DESON(ROSA)

Filha de mãe solteira e fruto de um caso extra-conjugal do seu pai, Rosa é o tipo de ser humano que já nasce marcado para julgamento. Desde pequena, ela era apontada pela história entre seus pais, que já não viviam mais juntos. A pré-adolescência foi um momento conturbado em sua vida, pois os garotos que se aproximavam dela nunca tinham aprovação da família para se relacionar com a moça. Muitos da sociedade acreditavam que Rosa não poderia ser considerada "de família" por ser filha de mãe solteira, e por conta disso, teve múltiplas



mágoas, pois o seu pai biológico continuou a conviver apenas com sua família tradicional, esquecendo-se de que ela possuía o mesmo sangue e precisava que ele assumisse as responsabilidades paternas, chegando inúmeras vezes a passar na rua por ela de forma indiferente. Nessa história, apesar de Rosa ter um irmão, as marcas eternizaram-se apenas nela e em sua mãe, que por ventura, não desejou mais relacionar-se seriamente com ninguém.

Rosa tornou-se uma jovem dona de uma beleza admirável, cabelos negros e longos, olhar alegre, idênticos à essência de garota, mas com um corpo de mulherão invejável aos olhares de todos. Ela namorou alguns anos com um rapaz da sua cidade com quem teve conflitos de casal e posteriormente acabou a relação, mas não sofreu muito em sentimentos, pois o desgaste não permitiu-essa sensação. No ano de 2012, aos 23 anos, Rosa começou um novo trabalho como

secretária em uma prefeitura. Era um novo desafio em sua vida, mas de extrema necessidade, pois sua família era pobre e vivia de aluguel. Naquele momento, o emprego de secretária seria ideal para a situação em que vivia, então acabou por aceitar a proposta.

No início, Rosa foi bem recebida pelos colegas de trabalho, mas sempre teve receio em ter relações de amizade com “intimidades” demais e acabar gerando impressões erradas, carga carregada desde a infância. Ainda sentindo-se apreensiva, uma equipe nova sempre quer mostrar bom entrosamento entre funcionários, e nessa estreia, alguns abraços e beijos diários lhe eram dados todos os dias, gestos que não lhe transmitiam conforto.

Sua equipe era formada por homens e mulheres amadurecidos e ela era a mais nova do time. Apesar de não confiar muito nas pessoas, Rosa ainda era ingênua sobre o que poderia acontecer no seu dia a dia. Certa vez, organizaram um amigo secreto, e ao final da confraternização, um dos homens casados com quem trabalhava, resolveu dar uma carona para algumas funcionárias, dentre elas, estava Rosa, que não tinha transporte para voltar para casa. Porém, ainda sendo a primeira a ser deixada em casa, ela foi vista pelos vizinhos descendo do carro desse homem e posteriormente iniciaram os cochichos

-Ora! Mas ela começou a trabalhar agora e já está de carona com esse cara? Um tanto quanto estranho para uma jovem solteira.

Após os boatos, e para piorar a situação, ele confirmou que ficava com Rosa para se sobressair entre os amigos do trabalho, pois ela era o real desejo entre os rapazes. Sabendo disso, Rosa o chamou para colocar os “pratos limpos” e acabou entrando em uma discussão com o sujeito, a ponto de ter o conflito interrompido pelo patrão, que protegeu o seu funcionário, pedindo para que acalmassem os ânimos e que não fosse gerado um escândalo no local.

O inferno da vida de Rosa naquele lugar só estaria começando. Ela começou a entender que por mais que fosse constrangida, o silêncio dela sempre seria a solução para a chefia. Inúmeras colegas de trabalho dela eram experientes nesse universo e demonstravam se divertir com isso, mas ela não conseguia fazer o mesmo, não sentia-se muito bem com a situação. Tentando entrosá-la na equipe, Rosa foi induzida a ficar com muitos homens, inúmeras vezes, mas

nunca cedeu, apesar da pressão ser enorme entre as companheiras que não queriam acreditar em sua “carence”.

Certo dia, Rosa foi chamada em um setor de atuação composta por funcionários do sexo masculino e lá deparou-se com uma foto impressa, colada em um dos computadores do local. Assustada, ela pegou a foto, rasgou e correu para tirar satisfações como o dono do aparelho, além de comunicar as outras mulheres o que tinha visto, mas todos afirmaram que seria apenas uma brincadeira e que ela deveria relevar. O problema é que essas brincadeiras a desagradavam muito, pois cantadas aconteciam diariamente e eram apenas brincadeiras, olhares maliciosos aconteciam diariamente e eram só brincadeiras, colegas de profissão beijavam-se no trabalho em sua frente e era só brincadeira, seu nome estava mais conhecido na cidade e, continuava, apenas uma brincadeira. Toda essa brincadeira foi lhe causando preocupação, a ponto de não querer mais sair com a equipe, por puro medo do que lhe poderia acontecer.

Para sua surpresa, alguns perfis fakes foram surgindo nas redes sociais com intenção de realizar insultos. Um desses perfis tinha o nome de João e começou a repassar todos os boatos sobre ela, parecia ser alguém que desejava desqualificá-la e infernizar sua vida. João afirmava, através de mensagens diretas, que frequentava bares e escutava alguns homens falando que ela era muito bonita para se prestar a essa situação, que todos queriam ficar com ela e tinham permissão, falava também que Rosa deveria dar-se ao respeito e que era igual ou pior a própria mãe. Esta última afirmação a deixou revoltada, e dessa vez, Rosa decidiu agir, pois já havia suportado inúmeras coisas, porém o uso do nome de sua mãe magoo-a profundamente, até por que, o nome dela sempre foi utilizado como “arma” para lhe ferir. Foi então que decidiu recorrer a um amigo Hacker que, realizou a investigação do perfil, e descobriu que o Facebook anônimo estava enviando mensagens de um dos computadores da própria prefeitura, o que deixou nossa flor mais aterrorizada. Analisando às possibilidades, Rosa observou que o Fake João possuía uma de suas colegas de trabalho como amiga virtual em comum e decidiu perguntar se a mesma o conhecia, mas a suspeita negou, apenas respondeu que tinha muitos desconhecidos em suas redes sociais, entretanto quando Rosa comunicou sobre investigações do Hacker, as mensagens anônimas pararam de ser recebidas e o “fake” foi desativado. Para ela, foi perceptível, que aquela colega de trabalho, especificamente, era a sua maior suspeita.

Rosa ficou desolada e não queria mais conversar com ninguém na prefeitura, foi então que tentou sentir-se mais confortável, conversando com o seu patrão, na esperança de amenizar seu estado emocional, porém, o chefe disse que não poderia fazer absolutamente nada por ela, afinal, ela não tinha provas contra ninguém. Rosa se sentiu de mãos atadas, indefesa e sem espírito para continuar trabalhando. Decidiu solicitar demissão, pois olhando para seu chefe percebeu que ele não queria abrir investigação, conscientizar ou até mesmo, dar-lhe algum incentivo, muito pelo contrário, a impressão que tinha, era de que ele queria proteger quem estava constrangendo-a, talvez por medo de ser envolvido ou associado aquela situação. Além de tudo, negou o pedido de demissão feito por Rosa. Os patrões lhes diziam que era indispensável, por saber muito sobre sua função, ou seja, treinar outra pessoa para a mesma função, indicaria um retrocesso aos serviços, mas na verdade, Rosa cumpria funções que poderiam ser divididas para três funcionários, e provavelmente nem todo mundo aceitaria cumprir a árdua jornada de trabalho que Rosa cumpria pela necessidade esdrúxula do pagamento mensal de um aluguel residencial.

Todos os dias era uma tortura, e para aguentar, chegou a trancar-se no escritório ao final do expediente para chorar sozinha, pois tudo estava insuportável, principalmente, porque os problemas haviam de ficar apenas ali, sem levar nada para dentro de casa, pois sua mãe poderia querer tirar satisfações e magoar-se ainda mais.

Rosa começou a acreditar que tinha culpa de tudo que estava acontecendo, até pelo assédio dos homens no local de trabalho. Pensando nisso, ela tentou se desconstruir, deixando de frequentar a academia, colocando roupas maiores que o seu número, deixou de usar maquiagem, aderiu à grosseria e antipatia, apenas por imaginar que talvez, tivesse culpa por tentar ser educada com eles. Ainda passou pela sua cabeça a possibilidade de namorar qualquer homem, mesmo sem gostar, na tentativa de que a deixariam em paz, mas faltando-lhe coragem para isso, reatou com o ex-namorado, ainda que consciente da inexistência dos seus sentimentos por ele. Infelizmente, essa estratégia foi falha, pois Rosa não tinha coragem de ser franca com o rapaz e contar tudo que lhe acontecia, além do mais, ele também a julgava pelo que ouvia de terceiros sobre sua vida. No fundo, o namorado também não confiava em Rosa e aquela relação era impossível de continuar.

Aguentando o quanto pôde, Rosa terminou novamente a relação, mas sabia que o que estava acontecendo em sua vida, deixaria traumas eternos e, talvez, buscar novos caminhos seria a melhor opção. Foi então que Rosa decidiu se empenhar mais nos estudos. Diante disso, começou a fazer um curso de licenciatura numa universidade pública, com a intenção proposital de ser liberada de parte do expediente, percebeu que estudar fora, apesar de cansativo, por viajar todos os dias em ônibus lotado, ainda era melhor do que trabalhar dois expedientes e voltar para casa. Adquirindo apego pelo conhecimento, Rosa logo foi aprovada no curso de direito e encontrou-se na vocação. Nesse meio tempo a gestão política de um dos seus chefes foi encerrada e finalmente teve sua demissão.

“Tudo isso que passei na escola e no trabalho, meu irmão não passou e nem passaria. Tudo comigo, porque eu sou a filha mulher e isso me carrega até hoje. Tenho receio em chegar perto de um amigo homem com a namorada e ser simpática, ou de ser gentil com o namorado das minhas amigas também. Essa sensação me incomoda...se vejo que estão dando em cima de mim, sem meu consentimento, já quero deixar de me arrumar de novo... Mas hoje meu conhecimento é outro. O direito me fez ver diferente, agora luto por mais respeito, apesar de ser algo difícil, até nesse campo de atuação. ” ROSA

JASMIM, A MODÉSTIA DE RECOMEÇAR!



A sede pela estabilidade profissional e emocional sempre foi a motivação de Jasmim, e a estudante de sociologia mal sabia que esse objetivo de vida não seria tão simples de alcançar. Na verdade, pouco a pouco, ela foi percebendo que o simples já é o necessário. No ano de 2012, Jasmim trabalhava em um distrito sanitário da secretaria de saúde em João Pessoa-Pb, quando tinha apenas, 25 anos de idade. Na atuação da coordenação do setor, suas companheiras de trabalho eram todas mulheres, exceto os motoristas, que sempre trabalhavam em harmonia com a equipe. Ela não sabia as modificações que estavam por vir. Depois de algum tempo, surgiu uma direção colegiada para auxiliar no apoio ao setor administrativo do RH, e um rapaz chamado Matheus, foi contratado por indicação, assumiu essa vaga, onde Jasmim fazia a coordenação.

Apesar da experiência no cargo, tudo que a moça fazia, o novato começava a levar os méritos.

A diretora administrativa do local decidiu sair do cargo, mas quem foi promovido não foi Jasmim e sim, Matheus. Todas às suas colegas tinham a mesma insatisfação, mas ninguém falava sobre o assunto, principalmente agora, que o mais novo chefe havia assumido um cargo superior. Sua promoção não obedeceu

ao critério de competência, pois existiam situações em que era notório o retrocesso. Uma das entregas de medicamentos, por exemplo, onde Jasmim conseguia cumprir no prazo de uma semana, Matheus cumpria no período de um mês. Esse retrocesso de metas estava preocupando-a cada vez mais, até porque, todas as reclamações sempre recaíam para o funcionário de menor escalão, e as ações daquele setor eram muito sérias. As demandas começaram a aumentar para Jasmim, conseqüentemente, essas novas ações, provocaram conflitos com o recém-chegado. Essa perda de tempo no serviço dava-se pela “camaradagem” criada por Matheus entre os motoristas, onde os mesmos tornaram-se relapsos em suas funções, mudando o comportamento.

Com um tempo, a gestão de governo alternou e junto com ela, mudanças ocorreram no setor trabalhista de Jasmim. Novos nomes iriam ocupar cargos, porém, seu colega, ficou firme na nova etapa, passou a apoiar o novo gestor, assim como fazia anteriormente. Por meio das cobranças e da decadência das metas, Jasmim entrou em processo depressivo, e chegou a ausentar-se por até 15 dias. O afastamento deu-se por uma forte crise óssea, tendinite, seguida de taquicardia e choro compulsivo. A situação não estava nada fácil. Através da proteção de Matheus, os motoristas alteravam o tom de voz com ela, de maneira que a continuidade no trabalho, tornou-se insuportável.

Após o afastamento provisório, Jasmim surpreendeu-se ao perceber que, foi transferida para um novo setor de RH, dessa vez para a recepção da farmácia. Propositalmente, o seu salário não foi rebaixado, mas a função sim, para que houvesse o sentimento de inutilidade, pois para quem realizava toda movimentação do setor, agora passaria os dias sentada, por traz de um balcão, assistindo toda desordem do serviço que tanto amava realizar. A sensação de voltar a trabalhar passou a ser horrível e Jasmim precisava do serviço para poder estudar, mas decidiu falar tudo que estava sentindo e foi aí que chamou o então diretor para pontuar os erros que estava a perceber, mas ele reagiu de forma autoritária e ela viu que a tendência seria, cada vez mais, piorar. Então, Jasmim pediu demissão.

Em agosto de 2015, Jasmim estava precisando trabalhar novamente, afinal de contas, nos empregos anteriores, havia enfrentado problemas parecidos com o do setor de RH. Foi então que uma amiga convidou-a para tirar as férias do seu cargo de gerência em uma empresa terceirizada, e logo, não viu problemas em passar apenas um mês dando continuidade ao trabalho. Essa empresa tinha um

contrato com o um órgão do poder judiciário, setor que dizia o que os funcionários podiam ou não fazer. Já na segunda semana de serviço, Jasmim foi chamada pela coordenação, dessa vez, composta só por homens. Ao entrar na sala, sentou-se nervosa, sem imaginar qual seria a pauta da reunião. Eles queriam que ela tomasse a decisão de colocar todo o pessoal fora do prédio para solicitar a limpeza das janelas. Jasmim achou o pedido estranho, pois percebeu que eles não tinham equipamento de proteção para isso. O que ela não sabia naquele momento, era que os rapazes tinham limitações com a empresa e aproveitaram o fato de ser apenas uma substituta, para solicitar esse pedido de risco, afinal, qualquer tragédia ocorrida, as responsabilidades cairiam sobre a substituta temporária. Mas, para a surpresa dos mesmos, Jasmim, apesar de jovem, tinha experiência com causas trabalhistas.

- O problema é que vocês devem fazer uma solicitação à empresa para que enviem os recursos necessários antes de mandar realizar esse serviço. Disse Jasmim.

- E cadê o seu poder de decisão? Não tem coragem? Questionou um dos funcionários. - Se João entende as demandas, por que você não entende?

Desafiou um deles, referindo-se também a outro funcionário presente.

- Eu entendi, mas vocês já solicitaram alguma vez essa limpeza? São 16 andares, é arriscado. Perguntou ela na intenção de saber como esse processo ocorria antes da sua chegada à empresa.

-Não! Estamos fazendo à solicitação pela primeira vez agora, e é você que no momento está na ocupação do cargo, portanto, é você quem deve fazer.

Jasmim se negou a obedecê-los e uma confusão foi gerada entre todos na reunião. Um dos rapazes chegou a colocar o dedo apontado para o rosto de Jasmim, ordenando que ela cumprisse a ordem. Sem muita ação e pelo medo dos cinco homens a sua volta. Logo após sua saída, entrou no primeiro ônibus que avistou, em prantos, e retornou para casa. Pela primeira vez, Jasmim não conseguiu reagir diante da opressão, ligou para uma colega advogada que aconselhou-lhe denunciar os opressores por assédio moral, porém, ela não tinha

provas para isso. A única coisa que sabia, era que tinha tomado à decisão certa, pois não podia arriscar a vida das pessoas obedecendo às ordens deles.

No dia seguinte, os seus colegas de trabalho a proibiram de entrar no prédio e ela teve que realizar o serviço durante o resto do mês em casa e por telefone.

Após deixar o serviço, Jasmim descobriu que a equipe já havia feito a solicitação da limpeza três vezes e nunca foram atendidos pelo risco, todavia, na hora da discussão, eles mentiram para que ela arriscasse.

Terminar o mês naquele emprego foi tão torturante que ela percebeu que precisava cuidar mais de si. Decidiu conhecer algumas práticas terapêuticas, e se identificou com o trabalho de técnica com cura energética. Foi através desse contato que Jasmim encontrou-se também profissionalmente, buscando aprender mais sobre as formas de trabalho com medicina alternativa e espalhando sua aprendizagem através do exercício de consultas para as pessoas como forma profissão. Jasmim tornou-se terapeuta e seu negócio cada vez mais foi tomando forma, expandindo-se para diversos setores e criando parcerias. Através do seu próprio centro, Jasmim tem o estilo de vida que sempre sonhou, pois, além de tirar o seu sustento, oferece rodas de cura gratuitas para mulheres por meio de palestras, diálogos e exercícios de relaxamento.

“Eu teria me protegido mais, se pudesse voltar no tempo, nem teria ido para a reunião deles, apenas pediria para que eles esperassem, pois eu só era substituta... A gente sempre quer trabalhar, mas tem que ficar mais atenta mesmo e se proteger, pois o mundo é machista. Eu acho complicado, já vi mulheres sendo assediadas por todo mundo e esse sentimento de competição deve mudar também. Passei um bom tempo julgando os homens, diante dessas experiências, eu acreditava que todos estavam querendo me prejudicar de alguma forma, e aquilo era um reflexo dessas situações, mas hoje, sinto-me mais protegida...protegida por mim mesma!” JASMIN.

DÁLIA, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA!

O primeiro emprego é o maior motivo de alegria e tensão para quem o deseja, e principalmente, para aqueles que prezam a independência financeira. Dália acabava de completar 18 anos e desejava tudo isso. Aprovada no vestibular, havia acabado de ingressar no curso de jornalismo com interesses em provar

tudo que o mundo acadêmico podia lhe oferecer, era destemida e achava que tinha postura para enfrentar qualquer coisa, pois desde pequena foi uma menina fora dos padrões, seus pais lhe incentivavam a resistir a tudo que viesse tentar lhe desmotivar. Ainda que criada na simplicidade, sua família sempre priorizou a dedicação aos estudos, e Dália nunca os desapontou no desempenho.

Ao iniciar o curso, estava fascinada e decidiu também realizar trabalhos publicitários para um político de sua família, como forma de exercitar o que aprendia na instituição de ensino. Aos poucos, seu trabalho na internet foi obtendo um retorno positivo, até que um Deputado fez-lhe uma ligação, convidando-a para uma reunião. Surpresa, ela não

imaginava qual assunto ele queria tratar com alguém de currículo tão precoce, jovem e sem estrutura técnica que pudesse despertar os interesses de um político. Independentemente do que aconteceria, ela decidiu arriscar.

Era uma tarde quente e a ansiedade estava corroendo Dália. Cuidou dos cabelos, pegou a melhor roupa que possuía e, preparou-se para qualquer coisa



que pudesse vir a partir dessa conversa com alguém tão influente. A mando do Deputado, um de seus funcionários foi buscá-la em casa para o local marcado. Aquele era um tratamento que ela nunca havia recebido profissionalmente, parecia tratamento VIP (sigla que designa pessoas importantes). Ao chegar à reunião, o Deputado aguardava-lhe com uma grande equipe de assessores, e explicou à Dália que já estava acompanhando seu empenho inicial no mercado, percebeu que estava na faculdade e lhe fez o convite para fazer parte de sua equipe, onde, inicialmente, o seu salário não seria alto, porém, bem mais que uma bolsa de estágio comum:

- Dália, primeiro seja bem-vinda a reunião e saiba que tenho acompanhado seus pequenos trabalhos via internet. Fiquei sabendo também que você está estudando jornalismo e acho que seria interessante tê-la em nossa equipe. Disse o Deputado com muita seriedade.

- Não imaginei que o convite seria esse e estou até surpresa pela proposta. Para mim seria uma honra ter essa experiência. Respondeu Dália com o nervosismo em nível máximo.

- Aos poucos vamos te explicando, tenho certeza que você se sairá bem! Finalizou seu futuro chefe!

Não acreditando, mas, muito feliz com a proposta, ela aceitou de imediato o emprego. Na mesma semana, recebeu o comunicado para participar de um treinamento, que ocorreria na capital do estado paraibano e cada vez mais a ansiedade estava consumindo-a.

Como não tinha carro próprio, o mesmo funcionário da equipe do Deputado novamente foi buscá-la em casa. Esse funcionário fazia parte da categoria jurídica da equipe e era um homem de excelentes condições financeiras. Dália pensava que mais pessoas iriam no mesmo veículo que ela, porém percebeu que seria duas horas de viagem ao lado de um homem que não tinha intimidades para conversar. Ele, muito educado, lhe cumprimentou de forma cordial e no caminho começou a fazer-lhe perguntas de cunho pessoal.

- Você tem namorado? Questionou ele.

- Não, mas esse não é meu foco agora. Respondeu ela de forma séria para barrar qualquer tipo de constrangimento futuro, pois o advogado era casado e pai de dois filhos, ou seja, para ela, qualquer possibilidade de envolvimento amoroso com ele estava excluída, além do mais, Dália sempre repudiou homens mulherengos.

- Ok, mas é estranho uma moça bonita como você não ter ninguém. Finalizou ele.

O caminho todo foi repleto de galanteios por parte do advogado e Dália começou a sentir que estava em uma situação constrangedora, sem volta, pois ela não queria perder seu primeiro emprego. Dessa forma a única alternativa seria ignorar todas as investidas do seu colega de trabalho.

O treinamento da equipe do Deputado ocorreria durante três dias, e todas as viagens até o local, Dália havia sido escalada para ir junto com o assessor jurídico, no mesmo carro e a sós. Ela não questionou os critérios de divisão da equipe por ser ainda novata. A cada viagem uma angústia que aumentava, cada quilometro, uma investida diferente.

- Olhei seu Facebook e vi comentários carinhosos de uma amiga nas suas fotos. Você é lésbica? Questionou ele de forma invasiva.

- Não, mas ainda que fosse não veria problema.

Ele riu como se estivesse obtido um grande avanço no seu plano de conquista. Durante o treinamento, o celular de Dália recebia inúmeras mensagens do advogado, elogiando cada detalhe seu. Cabelos, corpo, postura e até o jeito que colocava o óculos de grau no rosto. Aquilo estava ficando insuportável e Dália estava no limite. Era uma jovem de “pavio curto” e para não criar um conflito tão cedo, faltando apenas um dia para o treinamento acabar, decidiu que não voltaria para casa, e ligou para um de seus amigos que morava na capital, solicitando abrigo para descansar a mente e se livrar da possível carona assediadora. O amigo de Dália sempre foi de sua extrema confiança, e logo sabia que em sua casa estaria protegida.

Ao terminar a reunião, Dália comunicou que seu companheiro de trabalho poderia voltar sozinho, pois decidiu ficar hospedada na residência de um amigo próximo, que mora na cidade.

- Amigo? Você me falou que não tinha namorado, como assim, amigo? Questionou ele em formato de cobrança.

Respondeu: *- Sim! Um dos meus melhores amigos que não é meu namorado, pois tem outro namorado e, ainda que não fosse gay, seria meu amigo do mesmo jeito. Vou para a casa dele e você não precisa se preocupar, pois o treinamento acabou, e eu irei sozinha.*

Não satisfeito, o advogado investiu mais uma vez: *- Você é uma mulher muito dura, acho que você não está me interpretando muito bem. Somos amigos também, só ia te chamar para sair agora e comer sushi, mas pelo que vejo, prefere comer na casa de um "viado" do que ir a um restaurante conceitual comigo.*

Ouvir aquilo para Dália foi uma das piores coisas do seu dia e, ainda que a sua vontade fosse de esganá-lo, ela agiu de forma impulsiva e imediatamente pediu carona a outro colega que estava no treinamento da equipe, mas como esse colega voltaria direto para sua cidade no interior, ela decidiu voltar junto e sem dar nenhuma explicação, entrou no carro e retornou para casa no mesmo dia. As duas cidades, a que Dália residia e a que ocorria os treinos, levava o tempo de duas horas de percurso de uma para outra, porém depois de três dias nessa rota, não faria diferença viajar mais um pouco no encerramento e finalmente chegar em casa.

Os três dias de treinamento para Dália foram torturantes, tudo que queria era chorar, apenas chorar, na sua residência. Assim fez, chorou como criança, sentiu-se impotente por não ter sido mais severa ao exigir respeito e, ao mesmo tempo, precisar do emprego novo. Refletiu e decidiu esperar um pouco mais sobre sua função no serviço, afinal, não seria obrigada a conviver tanto com o advogado como acontecia nos treinamentos entre os assessores da equipe.

Dália enganou-se! Todas às suas viagens de assessoria por outras cidades estavam marcadas com dupla destinada, e era ele mais uma vez o escolhido para acompanhá-la, infelizmente.

Decidida a cortar de uma vez todas as investidas e cantadas preconceituosas do companheiro de trabalho, Dália resolveu responder uma das mensagens que vinham acompanhadas com segundas intenções e deixou claro que a depender da sua vontade, ele nunca teria chance alguma. Indignado, de forma imediata seu comportamento com Dália começou a ser ríspido e frio, como se quisesse causar comoção e arrependimento a moça, mas ela adorava a relação breve e rápida. Percebendo que estava sendo falho, o advogado decidiu jogar baixo e condenar toda a produção que Dália realizava no trabalho. Diferentemente das primeiras reuniões, passou de eficiente a incompetente no seu conceito. Todos os serviços que prestava, ele sabotava, inclusive, passou a caluniar seu desempenho para outros colegas.

Todos os dias Dália sofria com reações físicas, advindas do estresse que era submetida. Todos os dias pensava em contar tudo que lhe aconteceu, mas quem iria acreditar? Quem iria punir o advogado e não a simples assessora iniciante? E onde iria encontrar outra oportunidade de trabalho como aquela? O projeto de jurista tornou-se seu pior pesadelo.

Por força do destino e depois de um bom período, as equipes foram alteradas e Dália ganhou um novo parceiro de viagens para resolver às missões do Deputado, só que dessa vez, seu novo companheiro lhe transmitiu respeito como deveria, proporcionando um alívio maior para continuar. Depois dessa mudança de convivência, Dália teve informações de diversos boatos que estavam circulando com seu nome e que partiram do assediador, dentre eles, que ela era uma funcionária incompetente, fria, durona, ignorante e lésbica. Com todos os rótulos, nada era pior do que trabalhar ao lado de um opressor.

“Eu passei a desconfiar de quase todos os meus colegas de trabalho homens. Hoje continuo na defensiva para trabalhar e conviver com o gênero oposto, infelizmente é necessário para evitar que algumas situações tornem-se constrangedoras e a mulher acaba criando essa autodefesa mesmo de acordo com suas experiências. Nós, no caso eu

e o assediador, ainda fazemos parte da mesma equipe e eu não o suporto, mas tento fazer minha parte, inclusive, ele convidou minha melhor amiga para estagiar em um de seus escritórios de advocacia, e eu a alertei, conseguindo inclusive, um outro estágio para ela. É assim que as mulheres devem ser umas para as outras. Apoio!” DÁLIA

HORTÊNSIA E A LIBERDADE DO SABIÁ

Nascer em comunidade rural na década de 40 para as mulheres significava um destino quase traçado. Apesar de ter sido uma época considerada a evidência do cinema Hollywoodiano no século XX, junto a figura da mulher que adquiria um espaço ousado na moda, para as mulheres do interior do Brasil, tudo isso era utopia.



Profissionalmente falando, existia o trabalho do lar, que era comumente ocupado pelo gênero feminino, e já fora de casa, ainda seria admissível à profissão de professora, mas desde que a atividade anterior também fosse cumprida. Esse destino não agradava muito Hortênsia, garota que adorava criar versos e rimas e viajava a sonhar com o mundo da arte. O sentimento aventureiro ainda era confuso, pois a maior admiração de Hortênsia era seu pai, um homem cheio de autoridade que sempre dizia a mesma frase: - O homem manda na casa, a mulher só manda da cozinha para dentro! Ouvir o próprio pai dizer isso com tanta firmeza lhe despertava

admiração, mas o que ela não sabia, era que queria estar no lugar dele, e não de sua mãe. Na verdade, Hortênsia admirava a moral, e ao mesmo tempo, se indignava com a desigualdade, pois quando era impedida de planejar um futuro diferente do quadro de mulheres de sua família, o seu pai lhe jogava um “balde de água fria”.

Ela cumpriu o roteiro tradicional do interior. Casou-se, tornou-se uma dona de casa e teve três filhos com um homem que foi o pivô da sua luta. Na verdade, ele até parecia o seu pai. Mandava na casa e queria que ela assumisse apenas a cozinha, mesmo que naquela cozinha, não houvesse comida, pois Hortênsia passou fome junto com seus filhos por mais de dez anos, chegou a perder as contas de quantas vezes raspou coco para misturar com farinha e variar com o famoso mingau d'água. Enquanto isso, seu esposo exigia tratamento diferenciado, com cama arrumada, roupas lavadas e talco passado em seus pés. Caso ela se negasse, recebia à ameaça de levar um tiro na boca e isso, Hortênsia não queria pagar para ver, pois ele oprimia-a com o revólver em mãos.

A situação ficou insustentável e ela decidiu usar o dom de tocar viola para ganhar algum trocado, mas a cantoria para seu esposo, era uma afronta. Ele sabia que Hortênsia tinha um dom raríssimo, mesmo sem nunca ter feito aulas instrumentais. A decisão gerou uma discussão imensa, chegou a chutá-la e ferir sua perna. Ela conseguiu fugir para casa de sua mãe, levando apenas seus filhos. Depois de sua fuga, seu marido decidiu continuar com as ameaças, mas dessa vez, repetiu o discurso dizendo que, se ela cantasse suas modas de viola, a mataria embaixo da cama da própria mãe.

A sede de vencer levou-a prosseguir na decisão, nem que para isso tivesse que mentir. Foi então que resolveu formar uma dupla de nome Beija-Flor e Sabiá do Norte. Hortênsia era o sabiá, camuflando-se da perseguição do ex. Ele sintonizava várias estações de rádio na tentativa de ouvir o nome dela. Desconfiado, começou a realizar procura de festivais de viola pela região e, acabou encontrando-a em outra cidade. Hortênsia enxergo-o na plateia, teve muito medo do que pudesse acontecer, mas ele se aproximou para ameaçá-la mais uma vez, na tentativa de calar sua voz. Esgotada, o colocou na justiça para solicitar ao menos a pensão de seus filhos, assim poderia deixar de cantar para adquirir dinheiro, porém mesmo através de ordem judicial, o ex-marido só enviou os três primeiros meses de pensão e, logo depois, estabeleceu a condição de reatar o casamento para continuar pagando.

Não voltar para o pai de seus filhos era uma das mais firmes certezas que Hortênsia tinha, então esperou alguns meses, e percebeu que ele não estava mandando mais nada. Novamente o denunciou, e o sujeito foi preso. Como era popularmente conhecido, teve sua fiança paga, mas percebendo que estava

criando guerra com uma mulher desprovida do medo (através das ameaças dela em denunciá-lo novamente), deu-se por vencido, e aceitou a separação de vez.

Agora que o seu maior problema estava resolvido, Hortênsia precisava seguir o sonho de ser, finalmente, uma violeira livre. Estava ciente que era um novo desafio e, que todo o machismo seria enfrentado no mundo lá fora.

Em um de seus shows noturnos, Hortênsia percebeu que uma das companheiras de viola conversava muito com um rapaz da plateia. Na saída da cantoria, sabendo que tinha que trilhar parte do caminho a pé para casa, esse mesmo homem se ofereceu para acompanhá-la e, antes de partir, Hortênsia lembrou que havia esquecido um casaco de frio, assim, voltou para buscá-lo. Ao retornar, ouviu quando a outra violeira afirmou para o rapaz que estava “tudo certo”. Sem imaginar o que seria, Hortênsia seguiu com eles para casa.

No meio do caminho, o homem começou a colocar o braço em seu pescoço, como se fossem íntimos, mas Hortênsia se afastou, disfarçou dizendo que tinha compromisso e não queria que ele continuasse a cortejá-la. Ele retrucou, afirmando que, a moça estava fazendo-se de difícil. Ao passar pelo local mais perigoso, chegando perto da sua casa, o rapaz disse que iria junto até sua residência, e Hortênsia respondeu que não precisava. Ao notar a resistência de Hortênsia, disse que passaria a noite toda na porta até que abrisse, e o deixasse entrar. Os dois começaram a discutir e a colega de Hortênsia os deixou a sós. Percebendo que não a convenceria a ficar com ele pelas palavras e aproveitando a ocasião, o homem tentou agarrá-la, colocando a mão também em um revólver para intimidá-la.

Quando enxergou a arma, Hortênsia ficou tensa e percebeu o risco que estava correndo, foi então que, lembrou apenas do seu filho mais novo, pois a criança, tinha poucos meses de vida. Sem pensar, deu um tapa no revólver do agressor que foi parar longe da luta corporal. Ele a segurou com muita força para que não fugisse, mas ela continuava a resistir, tentando soltar-se. Hortênsia estava prestes a ser estuprada, pois seu fôlego ficava cada vez mais fraco, até que um colega que morava perto de sua casa, ouviu o barulho e correu para a residência dela. Ao entrar, encontrou com a outra moça lá dentro, que mentiu, dizendo que Hortênsia estava passando bem, insinuando envolvimento com o rapaz. Desconfiado, o amigo foi verificar na rua e deparou-se com uma cena, por ele, inesperada

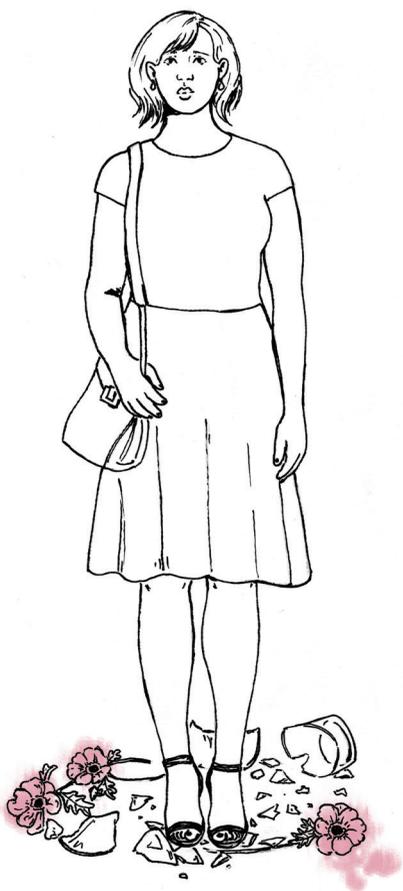
-Solta a mulher, bandido! Gritou o morador ao perceber o ataque, essa foi a oportunidade para Hortênsia correr.

Seu pescoço ficou roxo da força do agressor, e mesmo seguindo para fazer a denúncia, percebeu a “vista grossa” das autoridades, pois o rapaz que a atacou era muito rico e logo, a justiça, diante dessa situação, foi omissa e não foi realizada. Depois desse episódio, Hortênsia passou a realizar shows de modo desconfiado, quando tinha que viajar, levava sempre uma faca, que passou a colocar por baixo do travesseiro nos hotéis, demorando um tempo para amenizar os traumas vividos. Como violeira, Hortênsia fez sucesso por todo o Brasil, saindo em capas de jornais e recebendo prêmios pelo seu talento com os versos e com a viola, que por ventura, foi o seu casamento fiel, pois segundo ela a viola nunca a decepcionou. Através desse instrumento, pôde dar uma vida digna aos seus filhos, ter um lar e abraçar à luta das mulheres que, assim como ela, foram vítimas do machismo.

“Quando a mulher casa, não é para ser uma escrava. Eu vejo o feminismo como uma luz e, muitas vezes, a pessoa é feminista e não se identifica, mas quando unimos um grupo de mulheres, começamos a aceitar o que estava escondido. O feminismo mostra pra gente que a mulher tem que se amar, tem que ter autonomia!” HORTÊNSIA.

ANÊMONA E O DESABROCHAR DA DOR

Criada de forma limitada em termos de socialização, Anêmona morava com seus pais e seu irmão, mas notava que suas criações, eram tratadas em formatos diferentes, onde apenas o seu irmão recebia incentivos para conquistar posicionamentos de poder. De acordo com sua família, apenas o homem deveria ser livre, dando a Anêmona uma missão de encontrar alguém que lhe proporcionasse vida digna. Tudo isso era estranho, pois seu pai teve uma vida invejável em base e investimento educacional, e ainda assim, não tratava sua mãe de forma carinhosa. A família de Anêmona passava muitas dificuldades financeiras, a ponto de faltar dinheiro para coisas básicas, como pagar contas de água, luz, e para se sustentar, ela encapava livros e pintava telas. Vendia sua arte muito barata, apenas pela necessidade. Através do tédio e dos obstáculos da sua vida, também começou a entrar no mundo do alcoolismo, assim como seu pai.



ria ser livre, dando a Anêmona uma missão de encontrar alguém que lhe proporcionasse vida digna. Tudo isso era estranho, pois seu pai teve uma vida invejável em base e investimento educacional, e ainda assim, não tratava sua mãe de forma carinhosa. A família de Anêmona passava muitas dificuldades financeiras, a ponto de faltar dinheiro para coisas básicas, como pagar contas de água, luz, e para se sustentar, ela encapava livros e pintava telas. Vendia sua arte muito barata, apenas pela necessidade. Através do tédio e dos obstáculos da sua vida, também começou a entrar no mundo do alcoolismo, assim como seu pai.

A formação educacional de Anêmona nunca lhe apresentou como seria o mundo lá fora, as pessoas, as relações humanas e desse modo, ela demorava a perceber a maldade do

mundo. Era uma jovem introvertida. Chegou a trabalhar muito no mercado informal e, dentre um de seus empregos, atuou vendendo motos. Nesse campo, ela recebia alguns trotes de clientes homens, dentro do local de trabalho, inclusive,

ligações em formato de enrascadas, que ela não notava e, por diversas vezes, tratou com educação os assédios recebidos.

Com 22 anos de idade, Anêmona tinha pouca experiência amorosa e só perdeu a virgindade pela curiosidade, por achar que deveria se adequar a fase das outras garotas que conhecia, mas na verdade, seu comportamento era reflexo do sentimento confuso e solitário que lhe perturbava. Certo dia, fragilizada pela situação de sua família, Anêmona estava bebendo em uma mesa de bar e conheceu um homem com aparência mais velha, cabelos longos e lisos. Ele aparentava ter mais de 40 anos de idade, se apresentou de forma educada, conversou um pouco, como de costume dos caras que queriam apenas conquista-la, pediu o seu telefone e prometeu retornar o contato. No dia seguinte, de fato, o rapaz ligou para ela e convidou-a para almoçar. Ela o achou diferente pelo interesse dele não ter ficado preso apenas a mesa do bar, como geralmente acontecia, e não vendo nenhum problema, aceitou o convite.

No dia seguinte, se produziu na espera do galanteador, que lhe convidou para sair e, quando chegou o momento do encontro, ele foi busca-la de carro, mas ela estranhou sua aparência naquele exato dia. Seu cabelo e suas roupas não pareciam com o aspecto de quem iria a um primeiro encontro, mas sim de alguém que havia acabado de acordar. Para não ser deselegante, Anêmona entrou no carro e não fez nenhum comentário ao homem. Além da aparência, o caminho pelo qual percorria estava também muito estranho, passando por uma estrada de terra que ela não conhecia. Sem perguntar nada, percebeu que estava em um lugar com casas de aparência inacabada, mas teve medo de questioná-lo, pois o momento estava estranho e, ao mesmo tempo, preferia pensar que ele estivesse apenas indo buscar algo em casa, ou até mesmo, trocar de roupa, já que estava tão desarrumado. Chegando à residência, a convidou para entrar e ela observou que vivia em uma casa pequena, pois ele mostrou cada cômodo e chamou-a até o quarto. Seu olhar passou rapidamente pelos cômodos da casa e também pela cozinha (que lhe fizeram imaginar objetos cortantes disponíveis). Ao entrar no quarto, o misterioso homem pegou um lençol e colocou na janela para tapar a visão, e foi aí que Anêmona percebeu que estaria definitivamente perdida.

O medo travou -lhe, ela não conseguia se mexer, não tinha vizinhança, e ele não foi buscar nada em casa, pois as intenções eram realmente outras. O

homem, que até o dia anterior era só uma paquera, naquele momento tornou-se motivo de medo. O sujeito era alto e forte. Diante do contexto da situação, nem o grito de socorro lhe veio à tona, apenas um entrave durante todo o ato. Sim, Anêmona sofreu um estupro! Foi violentada sexualmente sem raciocinar a gravidade dessa violência. Depois de tudo, o abusador a chamou para ir embora e a deixou em uma rua próxima da sua casa, mas Anêmona estava em choque, andou até a calçada de casa e ficou paralisada, sentada, refletindo sobre o que de fato aconteceu. Na sua mente, ainda havia uma dúvida se lhe tivera ocorrido apenas uma relação sexual sem desejo ou um abuso, porém, sabia de verdade: o que aconteceu não tinha lhe feito bem. Desde esse momento as coisas começaram a mudar ainda mais em sua vida.

Para retornar à rotina, foi tudo de forma vagarosa. Começou um novo emprego em uma fundação no setor cultural, onde sua superior era uma mulher, o que lhe transmitiu um pouco mais de conforto, como também sua função permitia-lhe trabalhar em um escritório sozinha, fatores que a ajudaram mais no desempenho. Os homens que aproximavam-se dela, passaram a ser sempre suspeitos e, ela não gostava mais de abraços, pois eles a sufocavam muito. Tudo que fosse relacionado a proximidades incomodava-a, muitas pessoas tinham contato físico uns com os outros, ainda que de formato normal e rotineiro, mas para Anêmona estava sufocante, fato que lhe fez tratar mal muitas pessoas, com repulsa e, posteriormente, desistir do trabalho após um período de várias tentativas de adaptações.

Passaram-se anos sem que Anêmona desabafasse seu trauma com alguém e seu retrocesso era perceptível. Não era só o bloqueio afetivo, mas também o bloqueio estético, a falta de coragem para se envaidecer, maquiarse e admirar-se como pessoa. Mudou de emprego várias vezes, e a sensação de contato era sempre a mesma, pois uma retrospectiva mental fez-lhe perceber que seu contato com o assédio já existia desde às ligações ousadas no mercado de vendas de motos, até os olhares do dia a dia. Anêmona ganhou à percepção de malícia de forma traumática e aquilo estava lhe deixando improdutivo. Cansada desse quadro, percebendo o quanto ela agredia as pessoas que estava convivendo, tomou consciência que havia se tornado uma pessoa autodestrutiva. A partir disso decidiu tomar uma iniciativa que revertesse sua situação. Há algum tempo, Anêmona estava empoderando-se aos poucos, através de canais de feministas do Youtube, incluindo os discursos de mulheres que já passaram por situações parecidas com

a que havia vivido e que mostravam-lhe que todas tinham problemas particulares, mas que só dependeria dela a mudança evolutiva.

Era 2018, tempo de concluir a faculdade, Anêmona acordou cedo, mas não quis tomar café. Era sua ansiedade pedindo que ela largasse a sobrevivência diária. Foi destinando-se para o computador, no intuito de desabafar ao mundo tudo que lhe aconteceu. Começou a escrever pela manhã e só conseguiu terminar de escrever o seu desabafo às 3:00h da madrugada, do dia seguinte. Ao publicar o seu trauma, passou a receber um apoio coletivo muito forte, através dos internautas que leram tudo por meio do Facebook e, agora, depois de “gritar”, enfim conseguiu relacionar-se com alguém de novo, e alguém que decidiu ficar ao seu lado, conhecendo toda sua história. Seus contatos mais afetivos estão sendo reconstruídos e seu desempenho no mercado de trabalho está menos fragilizado, ainda que, com a velha desconfiança aguçada.

“A mulher tem o poder de se colocar como alguém importante e ouvi muitos relatos que me fizeram pensar como tem gente que fala mal do feminismo? É do nosso caráter ter problemas, mas precisamos ser mais observadas e as pessoas se colocarem mais abertamente umas com as outras é muito importante... Hoje eu me sinto mais leve depois do meu desabafo e até consigo me relacionar com as pessoas. Não esqueci o que aconteceu, e ainda machuca muito, mas eu consigo falar!” ANÊMONA

VIOLETA E O CANTO DA RESISTÊNCIA

O maior desafio do amor, é amar demais, quando os dois eixos desse sentimento, precisam resistir. Amar o trabalho, amar quem se tem e, lutar contra quem destrói. Essa é a missão de Violeta. Ela recebeu o dom da voz, e junto com esse dom magnífico, teria a “arma” para conquistar o mundo, mas também, a força dupla para amar o mesmo gênero, desejo que veio a ficar mais sério com o passar do tempo, e quanto mais decidida a amar Violeta ficava, mais sua voz ecoava.



Seu sonho de tornar-se uma cantora profissional começou a ganhar o apoio da família e dos amigos. Juntos, eles realizavam a divulgação do seu trabalho, incluindo inscrições de concursos musicais com mutirão de votação. Uma hora a união fez à força, e em um dos concursos realizados na cidade de Fortaleza-CE, Violeta ficou bem conhecida e, sobretudo, reconhecida pelo mercado musical da região, apresentando o ritmo do forró. Ela só tinha 18 anos, quando precisou agarrar sua motivação de seguir carreira fora do seu Estado, longe da família, afinal de contas, todos moravam na Paraíba e não

poderiam acompanhá-la por questões financeiras, mas esse era o preço da sua realização. Violeta bateu asas, levando um misto de sentimentos dentro de si, então, a partir disso, seu canto de resistência veio a começar.

O tempo foi passando e, aos 22 anos, recebeu a oportunidade de formar uma banda de forró eletrônico, junto com uma equipe completa (empresários, patrocinadores, bailarinas e instrumentistas). No meio dessa rotina pesada, Violeta era cobiçada pelos homens que trabalhavam ao seu redor, principalmente, os de cargos mais altos. Essa cobiça fez com que ela abrisse o jogo para os galanteadores, deixando claro que não sentia atração pelo sexo masculino. Assumindo sua sexualidade, Violeta acreditava que iria adquirir respeito por parte deles, mas na verdade, “comprou” um desafio ainda maior entre os mesmos. Aos poucos, foi percebendo que a cada esclarecimento, um assédio se fortalecia. Seu empresário não conseguia acreditar que uma mulher jovem, atraente e com trejeitos femininos, pudesse realmente interessar-se apenas por outras mulheres. Foi então que o “cabeça” da banda decidiu investir ainda mais na jovem cantora, alegando que ela deveria repensar se essa posição não se dava pela falta de acesso a um homem “bom de cama”. As coisas só pioravam para Violeta, e todas as vezes ela reafirmava ainda mais os seus desejos para não criar expectativas alheias. Se sentindo insultado, o empresário afirmou que não teria como ela permanecer na banda daquela forma, afinal de contas, era comum que todas as meninas ficassem com ele, logo, ela não teria muita escolha.

Violeta estava ficando desesperada com aquela proposta do “teste do sofá” e com a pressão que estava sofrendo, tudo isso ocorrendo bem perto daquilo que tanto almejou na vida: O sucesso na música! Ela não queria jogar tudo fora e, para não alimentar o estresse, resolveu questionar às outras mulheres da equipe, pois será mesmo que todas elas tiveram que ter relações sexuais com o empresário?

Tirando um peso das costas, Violeta ouviu da boca das companheiras que, aquela era uma investida velha dele e que, certamente, seria com intenção de fazer ela ceder através do medo. Ouvir aquilo, fez com que ela fosse ainda mais firme, afinal, se as outras garotas ainda estavam trabalhando na resistência, ela poderia fazer o mesmo.

O interesse do empresário por Violeta parecia ser mais forte e suas ameaças continuaram dia após dia. O emocional dela estava frágil, sua força nem existia mais e, até para chorar, sentia-se sozinha. Era aí que ao colocar a cabeça no travesseiro todas as noites, batia à saudade de quem mais amava, a vontade de

desistir, de voltar para casa e ganhar o ombro amigo de sua mãe que sempre foi sua confidente. Para isso, ela teria que jogar fora seu projeto musical.

Violeta repensou e decidiu insistir na sua carreira profissional, até que o empresário notou que ela tinha grande amizade com as bailarinas da banda. Para não ficar por baixo, demitiu três bailarinas por suspeitar que alguma delas pudesse ter algum envolvimento com a cantora que era o seu sonho de consumo naquele momento. Há cada vez que o poder lhe subia à cabeça, Violeta preocupava-se, pois notava a obsessão que o chefe sentia por ela. Depois de passar tanto tempo negando qualquer envolvimento com colegas de trabalho, tantos homens, quanto mulheres, chegou um momento em que ela não conseguiu mais evitar olhar para o lado. Violeta, de fato, acabou apaixonando-se por uma das bailarinas de sua banda e, esse sentimento foi recíproco. Juntas, decidiram assumir o que estavam vivendo e quem sabe desse modo às suspeitas não acabariam de vez por parte do restante da equipe.

Foram doze anos de casamento, de música, de banda e de amor entre elas, mas nada foi fácil no meio disso tudo. Através da experiência de vida, Violeta adquiriu maturidade para levar “na valsa” os assédios que sofria e os assédios também sofridos por sua esposa. Foram muitos empresários diferentes na sua carreira e dentre todos, apenas um não chegou a assedia-la, porém, os demais sempre cometiam atos que lhe causaram grandes cicatrizes. Para viver bem no mercado consumidor da música, ela percebeu que o meio era muito machista e que, na verdade, eles não queriam vender apenas a sua música, mas também a sua imagem. Através dessas regras, Violeta sempre era solicitada a ir junto com seus empresários fechar acordos com patrocinadores dos shows, pois conhecendo-a pessoalmente, o contrato era fechado com maior rapidez, afinal, sua beleza e seu corpo despertavam o interesse dos mesmos. Além de marcar presença nos acordos dos contratantes, Violeta também tinha que omitir sua sexualidade para não chatear os esperançosos que patrocinavam os shows, os prefeitos que contratavam sua banda, os fãs masculinos que a desejavam e vários outros aspectos que eram exigidos pelo meio.

Apenas sua equipe e os amigos íntimos sabiam de sua vida conjugal com outra mulher, incluindo seu empresário atual, que por ventura, não perdeu tempo ao ofertar um valor de cinco mil reais em troca de vê-las em momentos íntimos. Essa proposta fez com que sua esposa o respondesse cheia de fúria, exigindo de

vez, que respeitassem a união das duas, mas Violeta preferia evitar às discussões, ainda que estivesse coberta de motivos.

Foi através da serenidade de Violeta que seu casamento começou a desandar cada vez mais. Sua esposa não conseguia mais acreditar em sua fidelidade, por várias vezes o atual empresário continuava com comentários desrespeitosos: “Ah se eu pudesse... hoje seus seios estão mais bonitos... assim você me mata”. Dentre essas investidas, também já tentou desviar o carro com ela para um local reservado e, desde essa tentativa, Violeta passou a resolver as coisas no seu próprio veículo, ainda que o dele possuísse espaço. Parecia que não existia limites que o fizesse parar e a deixasse viver em paz. Quando acreditava que seu inferno resumia-se a equipe de trabalho, seu celular recebe uma chamada de vídeo de um número estranho e ao atender, recebe de forma direta, imagens do órgão genital masculino do primo do seu empresário, chamando-a de gostosa e justificando que havia conseguido o número de Violeta com seu chefe. As coisas foram ficando difíceis e parecia que o mesmo filme do início da carreira estava repetindo-se.

Seu casamento não resistiu a essa pressão sofrida. As brigas entre elas ocorriam constantemente pela ausência de confiança. A esposa da cantora cobrava mais pulso por parte dela e quando não era atendida, pela personalidade serena de Violeta, começava a insinuar deslealdade, traições e mentiras. Esse desgaste levou-as a optar pela separação.

Depois do seu novo estado civil de solteira, nada mudou em nível de assédio. Violeta ganhou a experiência de driblar seus contratantes, assim como fez em um dos shows posteriormente realizados na Bahia, quando um dos políticos presentes no evento seguiu o ônibus de sua banda até o hotel em que se hospedavam para busca-la sem ao menos pedir autorização, mas como Violeta já era costumada com esse tipo de situação, escondeu-se dentro do ônibus e pediu que um dos integrantes de sua equipe comunicassem que ela já estava dormindo no quarto do hotel. O político tentou resistir, dizendo que iria esperar que fossem chama-la, mas depois de perceber que ela não apareceria, desistiu e, só assim, ela pôde sair do ônibus em paz. Atualmente, Violeta tem novos planos e projetos. Com composições autorais, tem investido mais na produção de produtos midiáticos para sua carreira e continua realizando shows por aí a fora. Hoje, sua voz é mais forte, e sua certeza de amar sempre mais, também é latente!

"Já tentaram me comprar várias vezes, oferecendo carro, apartamento, dinheiro e várias coisas que recusei... acho que muitas mulheres são como eu, pois sofrem, escutam e fingem que não ouvem, para tentar se poupar. Eu tinha medo de denunciar os assédios por saber que minha vida seria exposta a riscos, pois eu não tinha ninguém por perto para apoio, minha família estava longe e eu não iria arriscar, a não ser que eu chegasse a sofrer alguma violência física porque neste caso eu não teria como me defender e recorrer à justiça seria alternativa única. A violência contra mulher sempre existiu, mas ultimamente, está ainda pior, e por isso é importante que uma mulher ajude a outra. " VIOLETA

SOBRE A AUTORA



Natural de Alagoa Grande – PB, Tamyres Dysa da Luz Ayres nasceu em 1994 e vivencia o universo da comunicação desde a infância. Seu pai militou para construção de uma rádio comunitária e até hoje é locutor. Sua mãe formou-se em filosofia após os quarenta anos. Através da paixão adquirida de berço, Tamyres começou cedo a atuar no rádio e por volta dos dez anos de idade já realizava a mediação de um programa infanto-juvenil. Após ingressar no curso de comunicação social em 2013, atuou na sétima arte como assistente de figurino, figurinista, diretora de arte e roteirista, sendo esta última função executada em seu primeiro documentário, intitulado “Viva Xangô!”. No setor político fez assessoria de comunicação de dois parlamentares e social mídia de campanhas eleitorais. No campo acadêmico, projetos de extensão lhe deram oportunidades de atuar como repórter e realizar publicações de artigos e matérias sobre cultura popular, gênero e sexualidade, temáticas que desde então, tornaram-se causa em sua carreira. Flores(ser) é seu primeiro e-book literário e vem trazendo uma proposta diferente de todos os seus campos de atuação, principalmente por ter lhe entregue uma missão de cunho investigativo e colaborativo diante da sociedade contemporânea.

A obra *Flores(ser)* traz histórias reais de mulheres vítimas da violência sexista, com primazia no campo profissional. Todas as situações abordadas passaram-se em tempos e espaços diferentes, com personagens da vida real exercendo profissões distintas. Elas, as protagonistas deste livro, recebem nomes de flores para proteção de suas identidades, estabelecendo uma relação com a sensibilidade de cada flor, pois são mulheres comuns que dificilmente transparecem seus problemas no dia a dia, disfarçando todos os medos que possam existir. Cada história revelará situações que refletem os vários tipos de violência de gênero por meio de atos como o abuso de poder, assédio, preconceitos, estupro, agressão física, agressão psicológica, perseguição e invasão de privacidade. Apesar de abordar um problema social preocupante, o livro *Flores(ser)* também fala de amor, resistência e sensibilidade. Através das protagonistas Amarílis, Tulipa, Rosa, Jasmim, Dália, Hortênsia, Anêmona e Violeta, o leitor mergulhará em roteiros de vidas incríveis, com dramas de heroínas que estão presentes em todos os lugares. O que elas têm em comum? A persistência em não desistir de sonhos e de acreditar em um mundo mais igualitário. Os detalhes dessas histórias você descobrirá assim que seguir adiante, regando com leitura a vida dessas FLORES, personagens que através da dor, evoluíram o SER. Será que essas mulheres conseguiram vencer os desafios? Una-se a obra e descubra o rumo dessas histórias em *Flores(ser)*!

